



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Ted Bundy: Estudo de Caso**

Luisa de Jesus Empis

Orientador de Dissertação:  
Joaquim Eduardo Nunes Sá

Coordenador do Seminário de Dissertação:  
Joaquim Eduardo Nunes Sá

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:  
**MESTRE EM PSICOLOGIA**  
Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Joaquim Eduardo Nunes Sá, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico o trabalho à minha mãe.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo principal abordagem e compreensão da personalidade de Ted Bundy, com o recurso a uma metodologia de investigação qualitativa, o *estudo de caso*, submetida aos parâmetros da *análise de conteúdo*, constituindo-se desta forma um estudo de carácter transversal e exploratório.

É proposto então uma análise da personalidade de um indivíduo, de acordo com uma perspectiva psicopatológica, de forma a serem possíveis respostas para questões de “como” e “porquê” que caracterizaram a evolução do presente estudo.

Numa primeira fase do estudo, o mesmo debruçou-se na obra biográfica de Ted Bundy escrita por Michaud & Aynesworth, que se constituiu instrumento fundamental para o presente trabalho

Num segundo momento foram consultadas obras complementares e indispensáveis à revisão e sustentação teórica da fase precedente.

A análise e discussão incidiram sobre bibliografia consultada, que foi articulada e intersectada com a perspectiva psicanalítica para uma compreensão mais holística deste caso psicopatológico.

Os resultados obtidos permitiram uma compreensão de Ted Bundy enquanto sujeito com características marcadamente psicopáticas

**Palavras-Chave:** Psicopatia, Estados Limite, Psicose de Caracter.

## ABSTRACT

The main goal of the present study is to approach and understand Ted Bundy's personality through the research methodology, *case study*, submitted to the parameters of the *content analysis*. Due to its characteristics it can be classified as a cross-sectional and exploratory study.

It is proposed to approach the individual's personality, within a psychopathological perspective, in order to be possible to answer the "how's" and the "why's" that arose throughout the elaboration period of this study.

Initially the research was focused on the biography of Ted Bundy, written by Michaud and Aynesworth that became a fundamental instrument in its elaboration.

In a second moment, information was collected from a number of other works used for the revision and theoretical support of the phase previously announced.

The analysis and further discussion were both focused on bibliographical data collected which was articulated and intersected with the psychoanalytical perspective, for a whole and comprehensive understanding of this psychopathological case.

The results obtained allow to understanding Ted Bundy as an individual with strong psychopathic features, and therefore his actions and ways of thinking were thus perceived and explained based on these characteristics.

**Keywords:** Psychopathy, Psychosis, Borderline

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
1. Introdução.....	7
2. Método.....	8
2.1.Delineamento.....	8
2.2.Procedimento.....	9
2.3.Instrumentos.....	9
3. Biografia de Ted Bundy.....	10
4. Psicopatia.....	31
4.1.Psicopatia vs. Perturbação anti-social da personalidade.....	35
4.2.Arranjo Limite.....	36
4.2.1. Psicopatia e Psicose de Carácter.....	36
5. Referências Bibliográficas.....	43

## 2. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a personalidade de Theodore Robert Bundy (Ted Bundy) a partir de uma perspectiva psicopatológica.

Sendo este um tema que desde há algum tempo me tem suscitado grande interesse, quando se confirmou a viabilidade de abordar a presente temática, o entusiasmo e motivação de procurar saber mais e querer fazer melhor, orientaram desde cedo o trabalho, contribuindo para o desenvolvimento de um estudo que se procurou seguir pelo rigor e objectividade.

A obra escolhida para servir de referência à realização do presente trabalho foi a obra biográfica de Ted Bundy, escrita por Michaud & Aynesworth “*The Only Living Witness*”, que procurou desmistificar Ted Bundy, pautando-se pelos princípios de fidelidade contou com cinco anos de entrevistas a Ted e com uma serie de testemunhos de figuras de autoridade, psiquiatras, amigos, familiares e todos aqueles que de algum modo, pelas melhores ou piores razões, estiveram presentes na vida de Ted.

Uma análise cuidada da obra referida permitiu não só conhecer Ted Bundy bem como toda a dinâmica de contexto e figuras que o rodearam durante a sua existência.

A pertinência do presente trabalho relaciona-se com a oportunidade de conhecer e, essencialmente, compreender a personalidade de Bundy, que outrora era conhecido por aquele “excelente aluno de direito” cujas atrocidades cometidas não contemplam sequer a mente comum.

O objectivo do estudo será, portanto, um conhecimento mais aprofundado e fundamentalmente compreensivo de Ted Bundy procedendo-se a um distanciamento de considerações do senso comum, pelo meio da relação de acções e comportamentos com factores de natureza psíquica, enquadrados em determinado contexto específico.

Neste sentido serão apresentados dados biográficos que pela sua pertinência e significado serão submetidos a uma análise de conteúdo, tendo por base o constructo de psicopatia e o que este acarreta para aqueles que são portadores da patologia.

## 2. MÉTODO

**2.1. Delineamento:** Uma vez que o presente estudo incide no estudo da personalidade de Ted Bundy optou-se por um delineamento de estudo de caso, uma abordagem de índole qualitativa sendo que pesquisas deste cariz, são cada vez mais frequentes na comunidade científica (Martins, 2006).

O estudo de caso é considerado como a “*metodologia nobre da clínica psicológica*” (Leal, 2008). Segundo Pedinielli (1999) a noção de “estudo de caso” está no centro do método clínico, a tal ponto que alguns autores refutam o termo clínico para qualquer abordagem que não se refira à dimensão do caso.

Marques (1999) afirma que “A psicologia clínica, ao procurar estabelecer-se e definir-se como uma disciplina autónoma, porque é possuidora de um estilo metodológico (...) vai então proceder por forma a passar do acontecimento, ou fenómeno, ao “facto”, através de uma acção repetível – o estudo de caso – e vai produzir na sequência desse procedimento, um saber totalizante sobre o seu objecto de estudo – o caso psicológico. Sobre a ideia de “caso”, está consagrada a ideia do individual e do singular” (p.106).

Com a ajuda da referida metodologia procura-se evidenciar a lógica dessa história de vida singular, a braços com situações complexas que precisam de leituras a diferentes níveis, com utilização de instrumentos conceptuais adaptados. (Allonnes 1989, cit. Pedinielli, 1999)

Yin (1988; cit. por Carmo & Malheiro Ferreira, 2008) define-o como uma abordagem empírica que investiga um fenómeno actual no seu contexto real, quando os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes. Este deve ter como objecto de estudo uma entidade bem definida, e deve ser toda uma investigação sobre um indivíduo em particular, realizada através de uma profunda análise de conteúdo a obras e textos escritos por si ou sobre si.

Dado que o objectivo do presente estudo é conseguir responder a questões de “*como*” e “*porquê*” acerca de um fenómeno, Ted Bundy, investigando-o dentro do seu próprio contexto, a metodologia em questão parece ser a mais adequada ao que objectivo proposto. (Lopes dos Reis, 2010)

De acordo com Huber (1993 cit. Pedinielli, 1999) o estudo de caso visa não só dar uma descrição de uma pessoa, da sua situação, dos seus problemas, mas também

procura esclarecer a origem e o desenvolvimento tendo a anamnese como finalidade a identificação das causas e a genes desses problemas.

A observação do sujeito em estudo foi realizada de forma indirecta através de análise documental feita a partir da obra de Michauds & Ainesworth “*The Only Living Witness*” que serviu de base para a recolha de dados biográficos de Ted Bundy (anamnese), desde a infância até ao momento da sua execução.

**2.2. Procedimento:** Com o objectivo de aceder e compreender as características psicológicas de Ted Bundy procedeu-se ao método de análise de conteúdo da obra em cima referida.

Berelson (1952, 1968 cit. Carmo & Malheiro, 2008) definiu análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação.

Como salienta Bardin (1977; cit. Carmo & Malheiro, 2008) a análise de conteúdo não deve ser utilizada apenas para se proceder a uma descrição de conteúdo das mensagens, pois a sua principal finalidade é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente recepção) com a ajuda de indicadores (quantitativos ou não). Se a descrição (a enumeração resumida após o tratamento das características do texto) constitui a primeira etapa de realização numa análise de conteúdo e se a interpretação (o significado atribuído a essas mesmas características) é a última etapa, a inferência é o procedimento intermédio que permite a passagem, explícita e controlada, de uma à outra (Carmo & Malheiro, 2008).

**2.3. Instrumentos:** No que respeita ao instrumento utilizado na presente investigação, a obra literária de Michauds & Aynesworth “*The Only Living Witness*” foi o seleccionado para servir de base no desenvolvimento estudo em questão.

### **3. BIOGRAFIA TED BUNDY**

#### **3.1 Infância de Dinâmica Familiar**

Theodore Robert Cowell, Ted Bundy, nasceu a 24 de Novembro de 1946 em Burlington, no estado de Vermont, EUA. A sua mãe, Eleanor Louise Cowell, encontrava-se grávida e solteira aos 22 anos de idade, não podendo contar com qualquer tipo de apoio, quer financeiro quer emocional. A história de Eleanor era de que em 1946 ela havia sido seduzida por um veterano da guerra recentemente terminada, de nome Jack Worthington. Mais tarde, membros da família expressaram dúvidas sobre esta história, despertando a atenção de um psiquiatra da defesa quanto ao pai violento e talvez demente de Louise, Samuel Cowell.

Considerando o estigma social que certamente acabaria por desabar sobre os seus ombros, devido à sua condição, Eleanor vive em casa dos pais durante os primeiros sete meses de gravidez, em Filadelfia. Quando disfarçar a gravidez se começou a tornar um problema, Eleanor muda-se para a Casa de Mães Solteiras Elizabeth Lund, onde Bundy acaba por nascer. Depois do nascimento do primeiro filho, a, agora, mãe solteira deixa o bebé na instituição durante varias semanas, até se sentir preparada para o levar para casa de seus pais onde ficaria ao cuidado destes. Durante os primeiros três anos de vida, Ted viveu como os avós maternos e cresceu a acreditar que os pais de Eleanor Louise, os seus avós maternos, eram os seus pais, e que a sua mãe era afinal a sua irmã mais velha. O ambiente em casa era descrito por alguns familiares como abusivo e violento e a avó materna de Ted, Eleanor Cowell esposa submissa de Samuel, frágil, tímida e obediente era periodicamente submetida a terapia electroconvulsiva para tratamento da depressão.

O seu avô, Samuel Cowell, era descrito como uma pessoa racista, violenta, abusiva e de temperamento explosivo. Enquanto criança, Ted presenciou episódios de violência perpetrados por Samuel contra a sua esposa. (Michaud & Aynesworth, 1999) Samuel era um adepto de pornografia e toda uma panóplia de revistas pornográficas estava constantemente ao alcance de todos, incluindo dos mais novos. Não obstante desta dinâmica familiar, Ted afirmou que amava e identificava com o seu avô e descrevia os tempos em Filadelfia como idílicos, recordando o conforto e segurança que sentia na antiga casa de família, onde moravam. (Michaud & Ayneswoth, 1999).

Poucas semanas antes do 4º aniversário de Ted, e a sua mãe saem mudam-se para Tacoma, Washington, e vão viver com o Tio de Louise. Ted nunca compreendeu a verdadeira razão da mudança.

Jack Cowell era apenas uns anos mais velho do que a sua sobrinha Louise, e Ted sempre o chamou de Tio. Professor de Musica na Universidade de Tacoma, Puget Sound, o Tio Jack era um homem refinado e realizado a todos os níveis. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Em casa, Ted, sentia-se despojado. Sentia ciúmes do seu primo John, filho mais novo do Tio Jack, e da modesta vida da sua família. Lembranças de se sentir verdadeiramente humilhado por ser visto dentro do carro desprezioso que o seu Tio conduzia, abundam na memória de Ted. Desde criança que Ted revelou um gosto pelo que era mais caro. A preocupação pelos bens materiais iria não só ficar com o rapaz como se intensificariam como o passar dos anos. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Louise conhece John Culpepper Bundy, homem simples e de poucas palavras, conhecido por Johnie um nativo da Carolina do Norte que recentemente havia desistido da Marinha e agora trabalhava como cozinheiro num Hospital de Veteranos. A personalidade estável e não complicada de Johnie desde cedo aliciou Louise, e este cumpria a primeira e ultima exigência de Louise, de a aceitar a ela e ao seu filho.

Em 1951, Louise casa-se com Johnie e Ted adquire o sobrenome do padrasto – Bundy. Ted nunca gostou muito de Johnie e o analfabetismo de Johnie e a sua falta de objectivos na vida fizeram-no parecer aos olhos de Ted, como uma grande desvantagem para Louise. Amigos de infância afirmam que Ted ultrapassava Johnie em todas as questões que envolvessem o intelecto e com o passar do tempo deixa de o tratar por papá para o passar a chamar John. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No Verão seguinte Louise sofre um aborto espontâneo e mais tarde, nos últimos meses de 1952, nasce a primeira filha do casal, Linda. (Michaud & Aynesworth, 1999) Foi nesta altura que os seus pais o proibiram de entrar na cama deles quando, durante a noite, acordava em sobressalto e assustado. Com o nascimento do segundo filho, Glenn, em Fevereiro de 1954, a família Bundy muda-se para uma segunda casa. No verão seguinte mudaram-se para uma casa maior de forma a poder acomodar a presente família, assim como a chegada dos últimos dois membros: Sandra, em 1956 e Richard, em 1961. (Michaud & Aynesworth, 1999) Ted tinha cerca de 7 ou 8 anos quando executou a primeira, de várias, acções de desafio face a Jonhie que perante as atitudes e comportamento de Ted quase explodia de fúria (Michaud & Aynesworth, 1999).

Era Louise, de princípios conservadores, quem detinha a última palavra em questões de educação, e temas considerados “tabu”, como sexo, nunca eram pronunciados no seio da família. (Michaud & Aynesworth, 1999)

### **3.2. Escola e Grupo dos Pares**

O primeiro testemunho do comportamento de Ted, fora da família, surgiu da sua professora da 1ª classe, Sra. Oyster, da qual Ted era grande fã. Na caderneta escolar, a professora escreveu a Louise que Ted sabia contar de um a vinte, que sabia o significado do número 100, que se expressava bem e que estava com avanço em relação ao resto da turma. Ted declarou mais tarde que ficou transtornado com a saída posterior substituição da sua professora preferida quando esta teve de se ausentar por uns tempos para dar à luz. Por muito que este evento o tenha afectado, o que realmente o perturbou na escola foi a professora da 2ª classe, Sra. Geri. Descrita por Bundy como uma doutrinária católica e “com a forma e atitude de um canhão prestes a explodir a qualquer momento” Ted, protestante, sentiu na pele a discriminação contra ele; e relembra vividamente o dia em que ela lhe partiu uma régua nos dedos, em resultado de uma discussão com um colega que fora desencadeada durante a hora de recreio. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Em relação às amizades, quando se mudaram para a casa nova, Ted fez amizade com dois rapazes do bairro, Ted Storwick e Warren Dodge, que continuaram a ser os seus melhores amigos ao longo do percurso do liceu. Para eles a companhia de Ted era adorada, mesmo que em determinadas situações Ted fosse um pouco reservado, frágil ou, por outro lado, com temperamento explosivo. (Michaud & Aynesworth, 1999). Ted normalmente mantinha-se à margem deste tipo de situações, mas quando se envolvia, a cólera e maldade deliberada que marcavam as suas acções, perduraram na memória dos seus amigos e colegas de infância. (Michaud & Aynesworth, 1999)

### **3.3. Adolescência e Relacionamentos Sociais**

Os tempos de adolescência de Ted são descritos como solitários. Um dos seus passatempos preferidos era ouvir as conversas de rádio a horas tardias. Na solidão e escuridão do seu quarto, Bundy fingia fazer parte de um mundo especial e secreto. Ao passo que as pessoas iam falando sobre as suas vidas, Ted ia formulando perguntas que num ambiente de fantasia imaginava colocar. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Já uns anos mais tarde, nos anos de Liceu, o saudável desenvolvimento físico de Bundy, transformara-o num atleta coordenado e num jovem atraente. A maturidade mental, contudo, não acompanhava a física. Ted sentia-se constrangido em si mesmo. Tentou entrar na equipa de Basquete da escola, assim como em outras equipas da zona de residência, mas não conseguiu. Não se julgava capaz de competir com outros rapazes que fossem maiores ou mais fortes que ele e este momento fora recordado por Ted como algo traumático para si mesmo. Não sabendo o que se passava ou o que deveria fazer em relação a isso, vira-se para desportos mais solitários. Ski era um desporto que levava a sério e no qual ele era bom. A maioria do equipamento de ski de Ted fora roubado sob esquemas que arranajara, um facto que mais tarde chocou a família e vizinhos que conheciam o filho mais velho de Bundy como um jovem que frequentava a igreja com os seus pais, presidente da juventude Metodista e um adolescente promissor com interesse numa carreira no âmbito da Lei. (Michaud & Aynesworth, 1999)

O primeiro sinal da presença de problemas sérios no mundo interno de Ted surge com uma paragem súbita e completa no seu desenvolvimento social. Apesar de silenciosa e despercebida pelos outros, foi agudamente desconcertante e dolorosa para si. Apesar de sentir que tudo estava bem no ensino básico, quando transitou para o ensino secundário Ted não sentiu qualquer progresso. Sem saber se a causa era a falta de modelos em casa que o pudessem ajudar na escola Ted sentiu-se cada vez mais alienado dos seus antigos amigos. Se antes não tinha encontrado qualquer problema em saber quais os comportamentos sociais correctos a ter, agora, no ensino secundário parecia que a confiança em si próprio não acompanhava o seu nível de intelecto. Experiências sociais ditas normais, como fazer amizades ou até conhecer pessoas de uma outra escola, bloqueavam Ted. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Apesar de gostar de estar na companhia do sexo oposto, Ted que era uma rapaz extremamente inseguro em relação a si mesmo e durante o secundário teve apenas um encontro. O assunto “sexo” era algo que o desconcertava. Nunca antes abordado em ambiente familiar, quando os seus amigos falavam de encontros que iam ter com raparigas, o que pensavam que iam fazer, desejavam fazer, ou mentiam sobre o que haviam feito com elas, Ted escutava-os sem intervir ou até mesmo compreender. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Ted sentia-se á vontade em apenas dois ambientes - as pistas de Ski e nas salas de aula. Nestas segundas, instituídas em *setting* formais o desempenho é avaliado segundo regras mais restritas do que aquelas que ditavam as interacções nos corredores da

escola. Ao cultivar a ideia de um jovem articulado e com espírito trabalhador, Ted era visto pelos colegas como alguém extremamente instruído e culto. Ainda que para toda esta aparente seriedade de propósito, as notas de Ted eram apenas satisfatórias e não excelentes.

### **3.4. Universidade e Relacionamentos Amorosos**

Depois de terminar o ensino secundário em 1965, Ted passou um ano na Universidade de Puget Sound com uma pequena bolsa de estudos, antes de se transferir para Washington para estudar Chinês. (Michaud & Aynesworth, 1999) A dificuldade do curso não foi pensada e Ted viu apenas a língua Chinesa como exótica, glamorosa, uma capa brilhante na qual ele se podia envolver. (Michaud & Aynesworth, 1999) No Outono seguinte, pede transferência para a Universidade de Washington onde ingressa no programa de Estudos Asiáticos. Não se sentindo à vontade com a ideia de viver numa república procura um quarto nos dormitórios da Universidade. Bundy investe tudo nos ideogramas arcaicos e com isso conseguiu a excelência académica procurada. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A construção de uma nova identidade pública havia começado: académico brilhante, espirituoso, saudável e bonito, Ted desenvolveu um ar confiante de si próprio, ar este que as mulheres não conseguiam resistir. É nesta fase que se envolve romanticamente com Stephanie Brooks (pseudónimo). Stephanie era, em poucas palavras, tudo aquilo que Ted não era mas que ambicionava ser. Com 20 anos de idade Bundy não era mais entendido no campo sexual do que na época de liceu. Stephanie e Ted passaram noite juntos, mas ele não fez qualquer avanço a nível sexual. Ted estava satisfeito em ser apenas charmoso e sedutor, como que a introdução de um relacionamento carnal “manchasse” a relação. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Ted transfere-se para Stanford, onde dá continuidade aos seus estudos asiáticos. A razão de ir para Stanford fora unicamente para agradar e impressionar Stephanie. Mas esta mudança provou mais tarde ter sido um erro. Bundy estava acostumado a estar sozinho, mas não estava habituado a estar sozinho longe de casa. Com saudades dos rituais e locais familiares, Ted começou a ficar atrasado nos estudos. (Michaud & Aynesworth, 1999)

O Ted, carismático e charmoso, que Stephanie julgava conhecer, tornou-se numa pessoa com falta de objectivos profissionais e ambição na vida. A imaturidade de Bundy evidenciada em partidas infantis que pregava, o seu carácter extremamente

bajulador e servil começaram a incomodar Stephanie, e para surpresa e choque de Bundy, depois de Stephanie se formar, em 1968, ela pôs um fim a esta relação. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Ted não percebia o que se havia passado com ele. A sua incursão ao mundo moderno terminou em fracasso e conduziu-o a outro período de isolamento, o resto do ano de 1968 foi, segundo Ted, o pior tempo de sempre.

O ambiente escolar tornou-se hostil e assustador. A fobia de encontrar Stephanie no campus deixava-o perplexo, e no Natal ele abandonou a escola. (Michaud & Aynesworth, 1999) Bundy juntou o dinheiro que tinha guardado, pediu mais algum à família e fez uma viagem pelo país. Nesta viagem, certo dia, de visita a casa, quando Ted vasculhava alguns papéis da sua mãe, encontrou o seu certificado de nascimento. “Desconhecido” era o que estava escrito, na área de “Nome do Pai”. Apesar de mais tarde de referir que esta não fora uma experiência agonizante, mas pelo contrário, uma oportunidade de decidir por ele próprio quem era e o que queria ser, testemunhas relataram que Ted se sentira humilhado com toda a situação de ilegitimidade e furioso com a mãe por esta lhe ter ocultado tamanho facto sobre si. (Michaud & Aynesworth, 1999) Depois de saber da sua ilegitimidade enquanto filho, o comportamento e atitudes de Ted face a Johnie, se já não era muito bom, começaram a ser claramente de desafio

Quando regressou a Seattle, na primavera de 1968, aluga um pequeno apartamento e arranja um trabalho como empregado de mesa no restaurante de um hotel, e como repositor no turno da noite, numa superfície comercial. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Bundy conhece Richard, ladrão de ocasião e consumidor de droga, cuja vida, à margem da sociedade, o fascinou. Roubar, nomeadamente de artigos em lojas, tornou-se numa actividade normal para Ted, todavia nunca fora apanhado, facto relevante na extensa lista de roubos que fez, e como os fez. A necessidade de roubar estava perto da Cleptomania, e a possibilidade de excitação a um nível mais elevado, exercia um grande poder sobre Ted. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Foi nesta altura que Ted se voluntariou para trabalhar na campanha de Art Fletcher, um Vereador de uma cidade pequena, que na altura pretendia tornar-se o Republicano escolhido para Vice-Governador. Esta apresentou-se a Ted como a oportunidade perfeita de retomar uma vida social, que há muito não desenvolvia. Desde os tempos de Liceu, em que Ted discursou sobre a nomeação de Rockefeller, numa convenção, que a Política fora algo que lhe despertara interesse. Era um campo em que ele podia fazer uso da sua assertividade e talentos. Fazer parte de algo, estar inserido num grupo, ser

convidado para determinadas ocasiões sociais, e poder dar-se com outras pessoas, era algo que Ted há muito ansiava. Ted deixou os seus dois trabalhos e começou a trabalhar como voluntário de Fletcher a tempo inteiro. Nesse Outono, Bundy teve a sorte em ser destacado como motorista oficial de Fletcher. (Michaud & Aynesworth, 1999) No fim da campanha os serviços de Bundy como motorista deixaram de ser necessário. Mas durante toda a campanha, Ted teve a oportunidade de observar como as pessoas se relacionavam umas com as outras, e havia adquirido, por repetição, algumas capacidades sociais que não conseguiam ser obtidas naturalmente. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A primeira metade de 1969 foi passada na Universidade de Temple, com resultados medíocres. Um projecto de Assuntos Urbanos nunca fora terminado, mas as aulas de Teatro foram algo que despertou o interesse de Ted, onde Aprendeu alguns tópicos sobre actuação e maquilhagem. Ted regressa a Seattle no Verão de 1969, e aluga um pequeno quarto. A casa onde vivia ficava mesmo ao lado de um bar, onde seduzia raparigas. Na última noite de Setembro de 1969, Bundy conhece Elizabeth Kendall, uma secretária médica divorciada que ficou encantada com Ted. Passado nem um mês depois de se terem conhecido, já os dois discutiam nomes para os filhos e acertavam a data do casamento. (Michaud & Aynesworth, 1999) A sua relação tempestuosa iria perdurar até ao momento da primeira encarceração de Ted. Liz acabaria por indo descobrir facetas duvidosas de um Ted que ela julgara existir. Foi Liz quem deu, pela primeira vez, o nome de Ted Bundy à polícia, que infelizmente achou não haver qualquer relação de Ted Bundy com o assassino que andava á solta. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Bundy lança-se num novo Mestrado, em Psicologia, a ter início no Verão de 1970. Os períodos de mal-estar abateram-se por um tempo, mas as incursões nocturnas para espreitar janelas e tentar apanhar jovens a desporem-se não abrandaram, assim como o seu apetite por pornografia de cariz violento que se tornou cada vez mais voraz.

Desde Maio de 1970 até Setembro de 1971, Ted trabalhou como motorista para uma empresa de venda de equipamento médico. Com esta nova função, a oportunidade de roubar estava lá, e a vontade fazia com que esta se concretizasse. Entre outros artigos, um recipiente para fundição de gesso, estava na lista de bens roubados. Bundy trabalha numa linha de prevenção ao suicídio, com a acumulação de créditos, consegue o grau de Mestre em Psicologia na Primavera de 1972. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A próxima meta, seria carreira na área de Direito. Candidata-se a várias Escolas de Direito com o intuito de perseguir o seu objectivo, mas não é aceite em nenhuma delas. Este é o ano de novas eleições e Ted começa a trabalhar na campanha de reeleição do Governador Dan Evans. As mulheres que trabalharam com Ted estavam cativadas com as suas características atraentes, e alguns veteranos impressionados com as suas capacidades no mundo da política. (Michaud & Aynesworth, 1999) Depois da eleição de 1972, Ted tentou uma vez mais ser admitido na Faculdade de Direito da Universidade do Utah. Desta vez, apetrechado de materiais para suportar a sua candidatura, onde se incluía uma carta do Governador Evans, Bundy é finalmente bem-sucedido, e começa um novo ciclo de estudos no outono de 1973. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Simultaneamente, Ted arranja um trabalho na Comissão de Crimes do Utah, onde escreveu artigos, presenciou reuniões, e deu o seu contributo em estudos-piloto na prevenção de crimes de violação e de colarinho-branco. Posteriormente com ajuda de uns amigos do meio político, Ted consegue um emprego no escritório de Planeamento de Lei e Justiça do condado de King, cuja função era estudar a reincidência entre os condenados de crimes menores. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Em Maio de 1973, começa a trabalhar em Olimpia, para Ross Davis do Partido Republicano, onde participou em projectos de investigação.

Uns meses mais tarde no Verão do referido ano, Ted é admitido no período nocturno de aulas na Escola de Direito da Universidade de Puget Sound. Os estudos de Ted na área de Direito iam de mal a pior, e em Dezembro de 1973, Bundy candidata-se, em segredo, para reingressar na Universidade de Utah. A sua decisão foi mantida em segredo até à Primavera seguinte. A candidatura foi aceite, mas Bundy não estaria de partida até Setembro de 1974. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Ted necessitava também de garantir um emprego de Verão e por isso desloca-se ate Olimpia, onde passa a integrar uma equipa do Departamento de Serviço de Urgências do Estado de Washington, conhecendo Carole Boone, que mais tarde se tornaria a sua esposa e mãe da única filha de Ted, desempenhando um papel importante na última fase da vida deste. Como funcionário, Ted tinha os deveres de líder na coordenação de alívio de desastres locais e nas equipas de procura e salvamento. (Michaud & Aynesworth, 1999). Ironicamente, Bundy contribuiu para as buscas de Lyndy Healy, Donna Mason e Susan Rancourt, que mais tarde confessou assassinar. A chegada de Ted ao escritório, em Maio de 1974 veio acompanhada como burburinho normal entre o sexo oposto. Elas

achavam-no atraente e eles, carismático. (Michaud & Aynesworth, 1999) Para Ted Agosto de 1974 foi passado a trabalhar no DSE.

Numa viagem á California, no Verão de 1973, Bundy reencontra Stephanie Brooks, e surpreende-a com um Ted completamente renovado, um profissional dedicado e com uma promissora carreira na área de Direito. Simultaneamente a namorar com Liz Kendall, Bundy retoma o namoro com Stephanie, chegando mesmo a ficar noivos e a discutir planos para o casamento. Não obstante, em Janeiro de 1974, Bundy deixou de lhe atender os telefonemas e de responder ás suas cartas. Quando finalmente Brooks conseguiu falar com Ted, ele não a proveu de qualquer explicação e eles nunca mais se viram. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No início de Setembro de 1974 Bundy parte para o Utah. Aqui demonstra uma fraca assiduidade ás aulas da Faculdade de Direito e por volta de Abril, altura em que começam os desaparecimentos no Noroeste, Bundy deixa definitivamente de frequentar a escola. (Michaud & Aynesworth, 1999)

### **3.5.Primeira série de crimes**

#### **3.5.1. Washington, Oregon**

Pouco depois da meia-noite de 4 de Janeiro de 1974, mesma altura em que Bundy terminou o namoro com Stephanie, Ted entra no quarto de Mary Adams, onde depois de atacar repetitivamente na cabeça com um pesado objecto de metal, agride-a sexualmente com um espéculo ou sonda vaginal, causando extensas lesões internas, deixando-a com danos cerebrais permanentes. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Um mês depois, na noite de 31 de Janeiro de 1974, também durante a noite, Bundy entra no quarto de Lynda Healy, uma estudante da Universidade de Washington que trabalhava numa estação de rádio local, transmitindo as condições para prática de ski. Bundy agride-a violentamente, faz a cama dela, veste-a e leva o corpo inconsciente de Lynda consigo. (Michaud & Aynesworth, 1999)

O desaparecimento de jovens universitárias aumentou, chegando a desaparecer em média uma rapariga por mês. A 12 de Março fora Donna Manson, de 19 anos de idade, aproximadamente a 100 km a sul de Seattle, vista a ultima vez a dirigir-se para o Campus da Universidade de Evergreen para assistir a um concerto de Jazz. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Na noite de 17 de Abril Susan Elaine Rancourt calouira do Mestrado de Biologia, desaparecera enquanto se retirava para o seu dormitório para assistir um filme. Susan

tinha comparecido a uma reunião para futuros conselheiros de dormitórios na Universidade de Washington e nunca mais foi vista com vida. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Na mesma altura do desaparecimento de Rancourt, a policia recebeu informações de um sujeito de braço engessado andara a solicitar ajuda para transportar vários livros para o seu Volkswagen Beetle, estacionado num local ermo e escuro. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Na noite de 6 de Maio, Roberta Katheleen Parks saiu do seu dormitório, na Universidade do Estado de Oregon, em Crovallis, sendo vista com vida a ultima vez a caminho do edificio dos estudantes. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No dia 1 de Junho de 1974, Brenda Ball, de vinte e dois anos de idade, fora vista a ultima vez a sair de um bar chamado Flame, em Burien, Washington perto de Seattle (Aeroporto Internacional de Tacoma) Testemunhas reportaram terem visto Brenda no parque de estacionamento do Flame a conversar com um homem cujo braço estava engessado. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Nas primeiras horas da madrugada de 11 de Junho de 1974, Georgann Hawkins, foi vista pela última vez a caminhar num beco rumo á sua república.

O culminar dos desaparecimentos do Noroeste dera-se com o duplo rapto, em plena luz do dia, de duas jovens do Lago Sammamish em Issaquah, a 32 km a Este de Seattle. Várias testemunhas reportaram terem visto um homem jovem atraente, com o braço engessado, a apresentar-se a raparigas como “Ted” e a solicitar a ajuda destas a colocar o seu barco à vela no seu VW Beetle. Outras testemunhas referiram à Policia terem-no visto a abordar da mesma forma Janice Ott, vinte e três anos, que se vestiu, levantou e o acompanhou para o ajudar. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A última vez que Denise Naslund, de dezoito anos de idade, fora vista foi na praia quando deixou o namorado e um casal amigo para ir à casa de banho.

Finalmente com uma descrição do suspeito e do carro deste, a Policia de King County imprimiu um esboço da cara do suspeito que mais tarde foi distribuído por vários jornais e passou em vários canais de televisão. Elizabeth Kendall reconheceu o esboço, o carro e o nome de “Ted”, pelo qual o suspeito se identificava, e ligou à policia a reportar Ted Bundy como um possível suspeito. Todavia, com uma média de 200 pistas diárias, Ted Bundy, o aluno de Direito não foi relacionado aos desaparecimentos. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A 6 de Setembro dois caçadores encontraram os restos mortais de Janice Ott e Denise Naslund a aproximadamente a 3.2km do Lago Sammamish. Seis meses mais tarde os restos mortais de Georgann Hawkins. Healy, Rancourt Parks, e Ball foram encontrados em Taylor Mountain, onde Bundy executava caminhadas frequentemente. Todos eles revelaram lesões realizadas por um instrumento contundente. (Michaud & Aynesworth, 1999)

### 3.5.2. Idaho, Utah, Colorado

Em Agosto de 1974 Bundy tinha sido aceite, pela segunda vez, na Faculdade de Direito da Universidade do Utah e muda-se para Salt Lake City, deixando Kendall em Seattle. Já em Salt Lake, Ted ao mesmo tempo que telefonava a Elizabeth, namorou com pelo menos mais de uma dúzia de raparigas. Na escola, o atraso em relação aos seus colegas e ao currículo escolar que estudava, agora, uma segunda vez, devastava Ted (Michaud & Aynesworth, 1999).

Um mês depois iniciou-se uma nova sequência de homicídios. A 2 de Setembro Ted violou e estrangulou uma jovem que pedia boleia e que continua não identificada. Um mês mais tarde, Nancy Wilcox, de dezasseis anos de idade, desapareceu dos subúrbios de Holladay, mesmo a Sul de Salt Lake City. Bundy arrastou-a para uma área arborizada, onde segundo ele esperava acalmar os seus impulsos patológicos, depois de a violar e libertar. Contudo, Bundy acabou por a sufocar acidentalmente, quando a tentava silenciar. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A 18 de Outubro de 1974, Melissa Smith de dezassete anos, filha de um agente da polícia de Midvale (outro subúrbio de Salt Lake city) desaparecera depois de se encontrar com uma amiga numa pizzeria local. Dez dias depois encontram o seu corpo despido, e parcialmente congelado. Os resultados da autópsia sugeriam que Melissa podia ter permanecido viva aproximadamente sete dias depois de ter desaparecido e evidenciava provas de violação, vaginal e anal, assim como sodomização.

Já no último dia do mesmo mês, Laura Aimee, também de dezassete anos de idade, desaparecera a em Orem, 40 km a sul de Salt Lake City, por volta da meia-noite. O cadáver de Aimee fora encontrado por uns caminhantes a 14km para Nordeste, no dia de Acção de Graças. Ambas as jovens tinham sido espancadas, violadas, sodomizadas e estranguladas com meias de *nylon*. A maquilhagem dos olhos de Melissa estava intacta e o cabelo de Laura parecia que tinha sido lavado recentemente. Anos depois, Ted

confessou a prática de alguns rituais pós-morte como a aplicação de maquiagem e lavagem de cabelo de algumas das suas vítimas. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No final de tarde do dia 7 de Novembro, em Murray, Utah, Bundy abordou Carol DaRonch num centro comercial, a menos de 1km do restaurante em Midvale onde Melissa fora vista pela última vez. Ele apresentou-se como Agente Roseland do Departamento da Polícia de Murray, e disse a Carol que tinha sido reportada uma tentativa de roubo automóvel, pedindo-lhe que esta se dirigisse com ele ao parque de estacionamento a fim de verificar se tinha sido a sua viatura. Depois de confirmar que nada tinha sido roubado do seu carro, Carol prepara-se para abandonar o local quando o agente lhe pede que ela o acompanhe à esquadra da polícia que ficava no centro comercial. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Ao tentar, infrutiferamente, abrir uma porta que, segundo o agente era a entrada da esquadra, “Roseland” solicita que afinal será necessário que Carol o acompanhe até à Sede. As suspeitas de Carol crescem quando vê que o carro do agente é um VW Beetle de má aparência. Eles abandonaram o centro comercial no VW, quando de repente o “Agente” encostou na berma da estrada, e lançou-se para Carol, com um par de algemas nas suas mãos. Ela gritou e ambos lutaram na frente apertada do VW. Carol fora invadida com o pânico e instinto de sobrevivência e de alguma forma consegue, finalmente, soltar o seu braço das forças de Roseland e foge entorpecida de medo, para o meio da estrada a pedir por socorro. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Nesse mesmo dia, apenas umas horas mais tarde, Debra Kent, uma estudante de dezassete anos de idade do Liceu Viewmont, em Bountiful, desapareceu depois de abandonar o auditório da sua escola onde fora assistir a uma peça de teatro. A professora de Drama do Liceu e uma outra aluna reportaram à polícia um encontro com um estranho, nessa noite, que lhes pedira a cada uma delas que se dirigissem ao parque de estacionamento a fim de identificar uma viatura. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Outro estudante afirmara ter visto o mesmo estranho a rondar a parte de trás do auditório e a professora de drama referiu tê-lo visto uma vez mais, agora na parte exterior da escola onde mais tarde os agentes da polícia encontraram uma chave capaz de abrir as algemas retiradas dos pulsos de Carol. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Em 1975, Bundy transferiu a sua actividade criminosa para o Colorado. A 12 de Janeiro, a enfermeira de vinte e três anos de idade, Caryn Campbell, desaparecera enquanto caminhava num corredor em direcção ao seu quarto no hotel Wildwood Inn, em Snowmass, 640km a Sudeste de Salt Lake City. O seu corpo fora encontrado um

mês mais tarde junto de uma estrada de terra batida, ao lado do hotel onde ficara. A morte de Caryn fora resultado de uma série de golpes fortes que lhe foram infligidos na cabeça, com um objecto contundente. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A 160km a Nordeste de Snowmass, no dia 15 de Março, a instrutora de Ski, Julie Cunningham desapareceu de Vail, no Colorado e cujo corpo nunca fora recuperado. Anos mais tarde, Bundy confessou aos investigadores ter abordado Julie com muletas e lhe ter solicitado ajuda no transporte das suas botas de Ski para o carro, onde ele a agrediu e algemou. Depois, Bundy levou-a para um local remoto, aproximadamente a 140km de Vail no Colorado, onde acabou por a agredir sexualmente e a estrangular. Semanas após o crime, Ted fez uma viagem de 6h para visitar os restos mortais de Julie.

A 6 de Abril de 1975, Denise Oliverson, de vinte e cinco anos de idade, desaparecera enquanto fazia o percurso de casa do seu namorado de bicicleta. As suas sandálias e bicicleta foram encontradas dias depois debaixo de um viaduto, catorze anos antes de Ted confessar a sua culpa no homicídio. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Meses mais tarde, a 28 de Junho de 1975, Susan Curtis desapareceu do Campus da Universidade de Brigham Young, em Provo, cerca de 72km a Sul de Salt Lake City. O assassinato de Curtis constituiu a última confissão de Bundy gravada momentos antes de entrar para a câmara de execução. Os corpos de Wilcox, Kent, Cunningham, Oliverson, e Curtis nunca foram recuperados. (Michaud & Aynesworth, 1999)

### **3.6. Detenção e Primeiro Julgamento**

Bundy foi preso em agosto de 1975 pelo agente da Robert Hayward, da Polícia Rodoviária de Utah em Granger, um subúrbio de Salt Lake City, perto de Murray, depois de se ter recusado a parar o carro ao sinal da polícia. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Após uma rápida busca ao VW de Bundy, o agente reparou que faltava o banco do passageiro da frente e encontrou itens inicialmente assumidos como ferramentas indicadas para a realização de assaltos. (Michaud & Aynesworth, 1999)

As horas e circunstâncias da captura de Ted, o fraco alibi dado por ele, as ferramentas, encontradas no seu carro e que pareciam tudo menos inocentes, tornaram Bundy ainda mais suspeito. O que não estava de acordo com toda a situação duvidosa era a maneira educada, amigável e o discurso bem articulado do aluno de Direito agora detido. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Na semana seguinte à detenção, os investigadores reuniram-se com departamentos de outras esquadras onde os casos eram apresentados, discutidos e se possível interligados. A apresentação do caso “Ted Bundy” despertou a atenção do detective de Lake City que estava presente na sala. Remetia a mente do investigador para o caso Carol DaRonch. O Volkswagen, as algemas, eram coincidências demasiado fortes para serem deixadas passar despercebidas. Uma busca ao apartamento de Bundy revelou um guia de resorts de Ski do Colorado, com Wildwood Inn assinalado e uma brochura do Liceu de Viewmont, em Bountiful (onde Debra Kent tinha desaparecido), mas não foi encontrado nada suficientemente incriminatório para o manter detido e por isso, Bundy foi libertado pouco tempo depois.

Bundy foi colocado sob vigilância total, em Setembro Bundy vendeu o seu carro e mais tarde a polícia do Utah apreende o veículo e efectua uma busca minuciosa onde acabam por encontrar amostras de cabelos correspondentes aos obtidos de Caryn Campbell. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Posteriormente fora também identificado por eles fios de cabelo "microscopicamente semelhantes" aos de Carol DaRonch e Melissa Smith. O especialista de laboratório do FBI Robert Neill concluiu que a presença de fios de cabelo num carro, combinando três vítimas diferentes e desconhecias entre si, seria uma coincidência de incompreensível raridade. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No dia de 2 de Outubro de 1975, detectives colocaram Bundy num alinhamento de suspeitos perante DaRonch, Raylenee Shepard (professora de Drama do Liceu de Viewmont, e uma outra estudante que também notara no estranho a rondar o auditório. Nem vinte minutos depois e Carol DaRonch já o tinha identificado como "Agente Roseland", e as outras testemunhas como o estranho presente no Liceu na noite do desaparecimento de Kent. A identificação não era suficiente para o relacionar com Kent (o corpo da jovem não fora encontrado) mas era certamente o necessário para o acusar de rapto agravado e tentativa de agressão a DaRonch. As sete semanas seguintes foram passadas na Cadeia de Salt Lake City, até a sua fiança ser reduzida para \$15.000, e poder ser paga pelos seus pais. O tempo entre a acusação e julgamento fora passado em casa de Liz. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Em Novembro, os três principais investigadores do Utah, Washington, e Colorado encontraram-se e trocaram informações com 30 detectives de cinco Estados diferentes em Aspen, Colorado e todos abandonaram o encontro convencidos de que Bundy era o

assassino que procuravam. Era, contudo, necessário encontrar evidências mais incriminatórias para que Bundy pudesse ser acusado de qualquer um dos homicídios.

A 23 de Fevereiro de 1976 Bundy foi julgado pelo rapto DaRonch, abdicando do seu direito a um júri sob conselho do seu advogado, John O'Connell, devido à grande e negativa publicidade existente em torno do caso. Foi considerado culpado de rapto e tentativa de agressão e condenado a uma pena que ia de um a quinze anos na Prisão Estatal do Utah. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Já na prisão, aproximadamente um mês antes da situação em cima mencionada, Ted terá sido alertado para o perigo que corria, já que em breve seria acusado de homicídio no caso Campbell. O plano de fuga que fizera fora descoberto e ainda no mês de Outubro, as autoridades do Colorado acusaram-no do assassinato de Caryn Campbell sendo transferido para Aspen em Janeiro de 1977.

### **3.7.Fugas**

No dia 7 de Junho de 1977, Bundy fora transferido da prisão do condado de Garfield, em Glenwood Springs para Pitkin County Courthouse em Aspen para uma audiência preliminar. Ted reparou que, durante a Primavera, a janela da biblioteca no segundo andar do tribunal era deixada aberta. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No dia da evasão Ted teve algum cuidado extra a vestir-se, colocando os bens essenciais reunidos entre as várias camadas de roupa que vestia. Durante um intervalo da audiência, Bundy esgueirou-se para perto da janela e quando ninguém estava a olhar, saltou acabando por lesionar o tornozelo aquando da aterragem. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Dirige-se para sul, sentido a Aspen Mountain. Já perto do topo da montanha, entrou numa cabana de caça onde roubou comida, roupa e pernoitou. No dia seguinte continuou para Sul em direcção á cidade de Crested Butte, mas acabou por se perder na floresta.

A 13 de Junho de 1977 Ted roubou um carro e, privado de sono, e em constante sofrimento com a dor do seu tornozelo torcido, dirigiu-se novamente para Aspen, onde dois agentes da polícia ao repararem na sua condução perigosa o mandaram encostar. Bundy tinha sido um foragido por seis dias, e depois de quase 80 km percorridos, aproximadamente 13 kg perdidos, Bundy estava novamente na prisão. Esta fuga não só iria depositar mais crédito psicológico nas acusações contra Bundy, como certamente

significaria mais tempo de inclusão, independentemente daquele que fosse o veredicto. (Michaud & Aynesworth, 1999)

De volta à cadeia em Glenwood Springs, Bundy ignorou as palavras de amigos e assessores jurídicos que o aconselhavam a parar e a aguardar. O caso contra ele era fraco na melhor das hipóteses, e estava-se a deteriorar de forma constante como moções pré-julgamento consistentemente resolvidas a seu favor e elementos significativos, que serviam de provas contra si, foram sendo consideradas inadmissíveis. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Um acusado mais racional dever-se-ia ter apercebido que tinha uma grande hipótese de ser absolvido de todas as acusações, e que ao ganhar esta, seguramente desencorajaria outros promotores de justiça. De facto, com menos do que um ano e meio para servir devido ao caso DaRonch, se Ted se tivesse preservado, poderia ter voltado a ser um homem livre. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Porém Bundy tivera uma amostra do sabor da liberdade, durante o qual ele não sentira nenhuma das compulsões ou impulsos violentos. “Ted” o assassino orientado para a tortura, parecia ter desaparecido depois de quinze meses atrás das grades e, com ele, fora também a realidade dos seus actos. Os sete meses seguintes da vida de Ted foram a planear uma segunda fuga. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Bundy adquiriu uma faca de serra de outro recluso e acumulou \$500 em dinheiro, contrabandeados por um período de seis meses. Durante a noite, enquanto outros presos dormiam, Ted serrava um buraco num canto do tecto da sua cela onde, depois de perder aproximadamente 16 kg, foi capaz de se contorcer e se introduzir no pequeno orifício. Nas semanas que se seguiram ele explorou os perímetros do buraco.

A 30 de Dezembro, com a maioria da equipa da prisão de férias de Natal e os prisioneiros de crimes menores liberados para passar as férias com as suas famílias, Bundy empilhou livros e arquivos na sua cama a simular o seu corpo a dormir, deslizou para a pequena abertura que fizera no tecto da sua cela e já lá em cima rastejando em direcção a uma luz, Ted entrou na sala do guarde-chefe ausente nessa noite. Após uma muda de roupa sai pela porta da frente rumo à liberdade. (Michaud & Aynesworth, 1999)

### **3.8. Florida**

Depois de roubar um carro, Bundy dirige-se para Denber onde iria embarcar num voo para Chicago. Quando a sua ausência na prisão fora descoberta pelos guardas, o seu

avanço era já de dezassete horas. De Chicago, Bundy viajou de comboio para Michigan, cinco dias depois furtou um carro e conduziu até Atlanta, onde embarcou num autocarro com destino a Tallahassee, Flórida, chegando no dia em 8 de Janeiro de 1978. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Já em Tallahassee Bundy alugou um quarto sob o nome de Chris Hagen numa pensão perto do Campus da Universidade Estatal da Flórida (FSU). Tentou arranjar um emprego legítimo, sabendo que assim conseguia permanecer oculto da polícia por tempo indefinido. Contudo o plano foi cancelado quando lhe solicitaram que apresentasse a sua identificação. Na impossibilidade de o poder fazer, regressa ao roubo de carteiras e cartões de crédito (Michaud & Aynesworth, 1999).

### 3.8.1. Crimes e Detenção

Na noite de 14 de Janeiro 1978, uma semana após sua chegada em Tallahassee, Bundy entra na Chi Omega, uma Republica feminina, por uma porta nas traseiras cuja fechadura tinha defeito. Ted entra no quarto de Margaret Bowman, vinte e um anos, espancando-a com um pedaço de lenha enquanto ela dormia, e estrangulando-a com uma meia de *nylon*. Depois dirige-se para o quarto de Lisa Levy, de vinte anos, onde a agride violentamente, estrangula-a, e morde-lhe o peito quase extraindo um dos seus mamilos. Bundy deixou também uma marca profunda de dentada numa das nádegas de Lisa, e agredindo-a por fim sexualmente com uma garrafa. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No quarto adjacente atacou Kathy Kleiner, deixando o seu maxilar partido e o ombro profundamente dilacerado, e Karen Chandler, que sofreu uma concussão, maxilar fracturado, perda de dentes, e um dedo esmagado. Os detectives determinaram que o ataque acontecera num total de menos de 15 minutos, E Bundy retira-se tão sorrateiramente como entrou. Depois de deixar o primeiro local de crime na Florida, Ted entra num apartamento, a aproximadamente oito quarteirões de distância, e atacou a estudante Cheryl Thomas, deslocando o ombro desta e fracturando o maxilar e crânio em cinco áreas distintas. Cheryl sobreviveu, mas com perda total de audição e danos no seu equilíbrio que arruinou a sua carreira na Dança. Na cama de Cheryl a polícia encontrou uma mancha de sémen, e umas meias adaptadas a máscara com dois pêlos, que mais tarde se confirmaram serem de Bundy. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No dia 8 de Fevereiro Bundy dirigiu-se para Jacksonville ao volante de uma carrinha branca que roubara. Num estacionamento de um centro comercial, Bundy aborda a filha do chefe de Detectives do Departamento de Polícia de Jacksonville, Leslie Parmenter, identificando-se como "Richard Burton, do Corpo de Bombeiros", mas a sua investida teve de ser cancelada quando o irmão mais velho Parmenter chegou e o questionou quanto às suas intenções. Nessa mesma tarde Bundy recua 97km para Oeste, em direcção a Lake City e na manhã seguinte, no dia 9 de Fevereiro de 1978 estaciona perto do Liceu de Lake City a observar as crianças a darem entrada na escola. Kimberly Leach, uma aluna de doze anos de idade esquecera-se da sua mala no pavilhão onde tinha tido o primeiro período de aulas desse dia. Depois de se dirigir a esse mesmo pavilhão para recuperar a sua mala, Kimberly é vista a dirigir-se de novo para a sua sala de aula, no entanto, acabou por nunca chegar a esta. Uma semana mais tarde, após uma intensa busca, os restos mortais de Kimberly foram descobertos perto de um matadouro, no meio de várias ossadas de animais que eram ali despejadas, cerca de 56km a Noroeste de Lake City.

A 12 de Fevereiro, Bundy roubou um carro e fugiu de Tallahassee em direcção a Crestview, perto da fronteira com Alabama. A noite de 13 de Fevereiro foi passada dentro do carro onde Ted tentara dormir. O dia seguinte, 14 de Fevereiro 1978, seria o último dia de liberdade para Ted. Por volta da 1h00 da manhã, foi mandado parar pelo agente da polícia de Pensacola, David Lee. Depois de confirmar que o carro onde Ted viajava era roubado, o agente informou o fugitivo de que teria de o deter. Neste momento Bundy pontapeia as pernas de Lee e desara a correr. O agente dispara um tiro de advertência e, em seguida, inicia uma perseguição acabando por se envolverem numa luta, que terminou com o agente a dominar e algemar Ted. O desespero de Bundy era tal, que a caminho da esquadra pediu ao agente que o deixasse fugir para depois disparar contra ele. Já Lee não fazia ideia de que acabara de prender um dos dez fugitivos mais procurados do FBI.

No automóvel roubado foram encontrados três cartões de identidade de estudantes universitárias e 21 cartões de crédito, e ainda uma televisão que também havia sido roubada.

### **3.9. Julgamento e Casamento**

Após a mudança do local de julgamento para Miami, Bundy apresentou-se em Tribunal em Junho de 1979 pelos ataques e homicídios ocorridos na Chi Omega.

Não obstante da presença de cinco advogados nomeados pelo Tribunal, Bundy foi, novamente, responsável por grande parte da sua defesa. Desde o início, que Ted sabotou os esforços da sua equipa de defesa. As suas atitudes eram de desconfiança, despeito e descredito nas capacidades destes aliados e uma ilusão de grandiosidade em que perante varias acusações de homicídio, as únicas preocupações de Ted eram estar no comando e controlar tudo o que se viria a desenrolar. Segundo Mike Minerva, um defensor público de Talahassee e membro da equipa de defesa, foi discutido a possibilidade de realizar um acordo em que Bundy se declarava culpado das mortes de Levy, Bowman e Leach, em troca de uma pena de 75 anos de prisão. Perante a perspectiva de perder o julgamento, a acusação estava propicia à realização desse mesmo acordo.

Por outro lado, o acordo judicial não era apenas um meio de evitar a pena de morte, mas também um "movimento tático". Bundy podia dar entrada com o acordo aguardar uns anos para que as provas se desintegrassem, perdessem, ou que as testemunhas morressem ou recuassem nos seus depoimentos. Depois de uma detioração do caso contra Bundy, era possível apresentar uma moção pós-condenação em que anulava o acordo e assegurava uma absolvição. Porém no último minuto, depois de Ted perceber que teria de confessar a sua culpa perante o mundo inteiro, acabou por recusar o acordo.

No julgamento, os principais depoimentos vieram de duas residentes da Chi Omega. Connie Hastings colocou Bundy nas proximidades da República naquela noite e Nita Neary viu Ted a sair de casa transportando a arma do crime. Contudo as provas físicas mais incriminatórias e irrefutáveis da culpa de Bundy foram as impressões dos dentes deixadas na nádega esquerda de Levy. Quando comparadas com a dentição de Bundy, a correspondência não podia ser mais perfeita.

A deliberação do Júri, pronunciada a 24 de Julho de 1979, durou menos de sete horas, e o veredicto fora de culpado em todas as acusações de que era alvo. Duas de homicídio e três de tentativa de homicídio em primeiro grau. Os homicídios de que fora responsável condenaram-no à pena de morte.

### **3.10. Corredor da morte e Confissões**

A 27 de Março de 1982, Ted começou a conceder uma serie de entrevistas que se repetiram ao longo de cinco anos. Nestes encontros a narrativa e especulações de Ted, na terceira pessoa davam uma explicação sobre os acontecimentos sangrentos e cujos

elementos críticos só poderiam ter sido elaborados e providos com base em experiência passada na primeira pessoa. (Michaud & Aynesworth, 1999)

O assassino era denominado por Bundy como uma “entidade”, “*Self* desordenado” ou um “ser maligno”, e Ted começou a revelar os mistérios associados ao seu comportamento e pensamento. (Michaud & Aynesworth, 1999)

O desejo mais forte de Ted e que pode ter contribuído para o desenrolar de todas as mortes era o desejo e vontade de possuir algo. Primeiro, estes impulsos foram sendo saciados com os pequenos furtos e roubos que Ted foi realizando ao longo da vida, e que lhe possibilitaram a posse de tantos artigos de luxo. Mais tarde, a “possessão” parece ter constituído um bom motivo para violar e matar. Se no início os desejos eram satisfeitos apenas com a agressão sexual, e a morte da vítima ocorria em resultado do medo de ser denunciado, mais para a frente na sua carreira de homicida, Ted afirmou que o tirar a vida a alguém era como a realização do seu desejo, cujo Clímax de toda esta fantasia perturbante ocorreria na posse final dos restos mortais. (Michaud & Aynesworth, 1999)

A admiração de Ted em relação a toda a publicidade que houvera em redor dos seus feitos poderia ser explicada pela recorrência da despersonalização das vítimas em que as mesmas eram consideradas objectos. Face a esta perspectiva, Bundy questiona-se “o que é que é uma pessoa a menos na face da terra?” (Michaud & Aynesworth, 1999) Segundo ele não deveria existir qualquer tipo de problema. (Michaud & Aynesworth, 1999)

O agente especial William Hagmaier, da Unidade de Análise Comportamental do FBI, testemunhou também a distorção na mente de Ted. Indirectamente Bundy indicou um total de 30 vítimas e impressionou Hagmaier com a “satisfação profunda e quase mística” que experimentava quando matava. Após um tempo o acto de matar começa a ser entendido como uma forma de possessão. O assassino é o responsável pela última inspiração, por parte da vítima, um momento observado com tamanho prazer. A vítima começa então a fazer parte do agressor, unindo-se para sempre com este e tornando as cenas de crime em locais sagrados, aos quais se acaba sempre por voltar. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Em Outubro de 1984 Bundy, que até então se autoproclamava especialista em *serial killers*, contactou Robert Keppel e ofereceu o seu contributo na busca que estava em curso, do seu sucessor. A partilha da sua experiência e extensos conhecimentos

poderia ajudar a apanhar o Assassino de Green River, que eventualmente acabou por permanecer em liberdade por um período de 17 anos. (Michaud & Aynesworth, 1999)

No seguimento da condenação no caso Chi O, uma data de execução já havia sido marcada no início de 1986. O dia de execução seria inicialmente no dia 4 de Março, sendo posteriormente alterada para dia 2 de Julho. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Em Abril, logo após a nova data ter sido anunciada, Bundy confessou a Hagmaier e Nelson o que eles acreditavam ser a vasta imensidão das suas depravações, incluindo detalhes sobre o que fazia com algumas vítimas depois da morte destas. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Afirmou ter voltado a Taylor Mountain e a Issaquah para se deitar apenas com os cadáveres ou realizar actos sexuais com os corpos em decomposição, até a putrefacção juntamente com a acção dos animais impossibilitar qualquer tipo de contacto. No Utah aplicou maquilhagem no rosto sem vida de Melissa Smith, e lavou repetidamente o cabelo de Laura Aime. "Se tivermos tempo", disse Bundy ", elas (vítimas) podem ser o que quisermos. Bundy decapitou aproximadamente 12 das suas vítimas, das quais guardou algumas cabeças no seu apartamento antes de se desfazer totalmente delas. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Depois de mais duas alterações da data de execução, uma delas apenas 15h antes, ficou finalmente decidido que Ted Bundy seria executado no dia 24 de Janeiro de 1989. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Com todas as possibilidades de recurso esgotadas e sem motivação adicional para negar seus crimes, Bundy concordou em falar francamente com os investigadores. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Bundy confessou todos os oito homicídios de Washington e Oregon nos quais ele era o principal suspeito. Referiu mais três vítimas, anteriormente desconhecidas em Washington, e duas em Oregon que se recusara identificar, e descreveu em detalhes o rapto de Georgeann Hawkins do iluminado beco da Universidade do Washington, como ele a atraiu para o seu carro, agrediu e algemou, levou para Issaquah, violou e acabou por estrangular. Passou a noite inteira com o corpo sem vida e revisitou o cadáver em três ocasiões posteriores. (Michaud & Aynesworth, 1999)

Nesta altura tornou-se evidente o uso de uma nova estratégia da parte de Bundy, que se recusara a revelar e explicar vários detalhes fundamentais dos seus crimes na esperança de conseguir mais adiamentos da sua pena e continuava a ser o possessor final e único dos locais de repouso das suas vítimas. (Michaud & Aynesworth, 1999)

As famílias das vítimas haviam recusado a recolha de mais informação em troca do adiamento da morte do assassino. As vítimas já estavam mortas e a culpa de Ted já era um dado conhecido por todos. O facto de Bundy tentar negociar a sua vida com os cadáveres de pessoas inocentes era algo desprezível de fazer aos olhos de toda a gente (Michaud & Aynesworth, 1999)

Ted Bundy morreu na cadeira eléctrica em Raiford às 07h16min da manhã do dia 24 de Janeiro de 1989.

#### 4. Psicopatia

Definir psicopatia não é uma tarefa que se tenha mostrado desde sempre fácil. A evolução deste conceito foi marcada por vários factores de diferentes naturezas entre a comunidade científica (Soeiro, 2010). Atendendo à clara importância em definir o presente constructo, serão de seguida analisados os contributos mais relevantes que surgem associados à problemática em estudo.

É pacífico que o trabalho do medico francês Pinel em 1809 é considerado como pioneiro na definição do conceito de Psicopatia que de forma mais específica introduziu o termo “Mania sem delírio” para designar indivíduos que mostravam acções atípicas e agressivas, para si mesmos e para os outros (Soeiro, 2010), mas que tinham um perfeito entendimento do carácter irracional das suas acções não podendo por isso ser considerados de delirantes. (Filho, 2009)

Phillipe Pinel foi o primeiro a estudar uma característica intrínseca como a determinação de um criminoso nato e o primeiro a considerar a possibilidade de existência de uma perturbação mental mesmo quando o raciocínio estava intacto.

Por sua vez, Pritchard em 1835, introduz o conceito “Insanidade moral” para se referir aos sujeitos cuja moral ou princípios de conduta eram fortemente pervertidos e indicadores de comportamento anti-social. Pritchard, o psiquiatra inglês, inovou ao atribuir a esta perturbação a influência do meio, propondo como meio de intervenção medidas ambientais que possibilitassem a estes indivíduos integrar-se num meio adequado e ultrapassar assim o problema (Soeiro, 2010).

A dualidade de posições exposta quanto aquilo que define a perturbação em questão e os indicadores que melhor a caracterizam, marcaram a evolução do conceito e explicam a diversidade de designações que surgiram alternativos ao termo Psicopatia. Estas tentativas, decorridas ao longo dos séculos XIX e XX, deixaram clara a

determinação da comunidade científica em atentar aos determinantes da Psicopatia. Contudo, estas descrições embora apresentassem pontos comuns eram frequentemente demasiado inclusivas, incluindo padrões de comportamento que actualmente compreenderiam diferentes tipos de perturbações mentais (Soeiro, 2010).

### **Concepção actual de Psicopatia**

Considerando que, actualmente, os trabalhos de Cleckley (numa perspectiva mais clínica) e as posteriores investigações de Hare (numa abordagem mais empírica), são consideradas, pela literatura como os contributos que mais influência tiveram para a presente concepção e operacionalização do constructo, respeitando áreas de investigação, diagnóstico, avaliação e replicabilidade de resultados, o presente trabalho terá como referência central as concepções de psicopatia realizadas pelos referidos autores. Será ainda proposta uma distinção entre a categoria diagnóstica Perturbação Anti-Social da Personalidade e o constructo de Psicopatia.

A convergência de opiniões foi portanto reduzida até à década de 40, quando Harvey Cleckley estabeleceu o conceito de psicopatia e a própria utilização da nomenclatura, em resultado do seu trabalho, *The Mask of Sanity* (1941) que colocava em evidência um retrato clínico sistemático do quadro de Psicopatia (Filho 2009, Soeiro, 2010).

As concepções actuais de Psicopatia compreendem as características de personalidade (interpessoais e afectivas), inicialmente introduzidas por Cleckley (1976), e posteriormente desenvolvidas por Hare (2003), associadas à perturbação e fundamentais na caracterização do quadro, enquanto razões que justificam a forte relação com o comportamento anti-social, que dita o estilo de vida dos sujeitos portadores desta patologia.

Segundo Cleckley (1976) e Hare (2003) a psicopatia apresenta-se como um constructo composto por diferentes factores que se correlacionam. Assim como Cleckley (1976) já havia introduzido, contudo não agrupado, Hare (2003) ao conceptualizar psicopatia afirma a existência de quatro dimensões que se influenciam e que são compostas por indicadores (1) afectivos e (2) interpessoais, que definem a perturbação, e indicadores que definem o (3) estilo-de-vida pautado pelo (4) comportamento anti-social.

Segundo estes autores a principal característica do psicopata é a sua incapacidade de demonstrar empatia ou preocupação genuína por outrem, sendo aquilo que mais o

define a sua deficiente resposta afectiva face aos outros, factor este que explicaria a estreita relação com a conduta desviante. (Cleckley, 1976; Hare, 2003)

Na caracterização de sujeitos psicopatas é importante considerar a ausência de manifestações de cariz neurótico ou psicótico (nervosismo, alucinações...) (Cleckley, 1976).

No plano interpessoal faz-se acompanhar de um encanto superficial que utiliza para manipular e utilizar as outras pessoas, sem racionalizar sobre as consequências que os seus actos podem ter para os outros ou para si mesmo. As suas relações são marcadas pelo seu carácter parasita, exploratório e essencialmente caracterizadas pela sua brevidade e superficialidade. Os psicopatas são mentirosos patológicos, insinceros e indignos de confiança, com um egocentrismo exacerbado e uma incapacidade para amar. (Cleckley, 1976; Hare, 2003)

A esfera afectiva do psicopata é marcada pela falta de remorsos e ausência do sentimento de culpa (não aceitação da responsabilidade dos seus actos) e de empatia (capacidade de se colocar na “pele da outra pessoa”, razão que justifica a superficialidade do seu afecto). Estas características têm reflexos na interacção social que se torna desviada dos padrões éticos e morais vigentes, não significando necessariamente criminalidade, mas sim comportamento desviante regulado por uma motivação inadequada para a anti-socialidade. (Cleckley, 1976; Hare, 2003) O seu estilo-de-vida é, conseqüentemente, orientado pela busca exagerada de sensações, impulsividade e irresponsabilidade (quer financeira, familiar, profissional). A carência de metas de vida realistas contribui para a incapacidade de seguir ou manter qualquer plano de vida a longo prazo. (Cleckley, 1976; Hare, 2003)

A nível de comportamento, o mesmo é definido pela anti-socialidade, que pode, eventualmente, levar à repetição de comportamentos que fundamentem a prisão (versatilidade criminal). Os sujeitos psicopatas não aprendem com a experiência nem o castigo, assumindo este último um carácter motivador ao invés de inibidor. Existe um reduzido controlo no seu comportamento e a adolescência destes sujeitos terá contado com situações de problemas de comportamento precoces e de delinquência juvenil (Cleckley, 1976; Hare, 2003).

Apesar do presente estudo abordar a personalidade de um sujeito psicopata, em que o individuo em questão foi responsável por diferentes actividades criminosas, é importante notar que nem todos os psicopatas são assassinos, ou criminosos. O seu carácter manipulador e o seu egocentrismo exacerbado podem ser canalizados para

outras actividades não criminosas ou puníveis por Lei (ex: mundo dos negócios, a convencer clientes e a motivar colegas). A componente essencial da psicopatia é, portanto, o comportamento anti-social e não a criminalidade (Soeiro, 2010). Este critério pode incluir crimes ou infracções de Leis assim como exploração de relacionamentos interpessoais que não chegam a ser consideradas infracções penais, mas que são características nos relacionamentos destes indivíduos. As estatísticas apontam, contudo, para uma relação entre esta patologia e a prática de actividades criminosas, sendo a taxa de reincidência dos psicopatas muito maior do que a dos restantes criminosos. (Soeiro, 2010)

As causas que contribuem para o desenvolvimento da perturbação em questão, são multifactoriais. Discute-se a presença de componentes genéticas herdadas pelos pais (hereditárias) assim como alterações a nível do organismo (biológicas intrínsecas) que vão interagindo e desenvolvendo com factores do ambiente em que vive (ambientais) (Morana, 2012; LaBrode, 2007).

A respeito de uma possível intervenção e/ou tratamento de um psicopata, estudos (Morana, 2012; Castro, 2007) apontam que estes são de grande dificuldade e igual demora. A viabilidade e o alcance encontram-se muitas vezes comprometidos dadas as características de personalidade dos psicopatas. Estes exigem uma excessiva atenção por parte da equipa e são muitas vezes considerados irritantes e difíceis de lidar. Alguns autores apontam mesmo para a impossibilidade de tratamento de sujeitos que preenchem em pleno os critérios de psicopatia. O seu egocentrismo patológico e o desprezo por tudo e todos em geral dificultam a intervenção.

Assim, face à grande dificuldade de sucesso e um tratamento, segundo Davidson (2002) os princípios de tratamento, devem ser os mesmos que qualquer condição crónica em que as condições básicas não podem ser alteradas, objectivando apenas em vez disso a procura de um alívio da sintomatologia. É proposto a toma de alguns fármacos (para aliviar sintomas) em conjunto com intervenção psicoterapêutica que deverá ter em consideração a presença de outras perturbações que tiveram origem a partir da psicopatia (por exemplo a depressão e a ansiedade).

#### 4.1. Psicopatia Vs. Perturbação Anti-Social da Personalidade

*“Sociopatas, mas não necessariamente Psicopatas”*

(Filho,2009, p.341)

Os termos Perturbação da Personalidade Anti-Social (PASP) e Psicopatia são frequentemente, utilizados como sinónimos. Contudo, apesar de ambas serem condições de desajustamento social e existir uma clara sobreposição entre elas, as mesmas não se devem confundir.

Não obstante, esta distinção não está compreendida, no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR, APA, 2006), uma vez que são apresentadas condições que podem assumir o feitio de psicopatia, bem como, nos casos mais atenuados, de comportamento anti-social.

Ao contrário da Psicopatia, que não se apresenta como uma categoria diagnóstica, a PASP é uma categoria presente na versão mais recente do manual técnico, DSM-IV-TR (2006), e é conceptualizada por um padrão global de menosprezo e violação dos direitos dos outros, com início na infância precoce e continuidade na idade adulta, sendo que as principais características que lhe estão associadas são a fraude e a manipulação com vista ao prazer pessoal. Considerando que a maioria dos indicadores de diagnóstico da PASP são claramente relacionados com o estilo de vida anti-social, levanta-se a questão de que são deixados de fora aspectos de natureza clínica (interpessoal e afectiva) fundamentais para a caracterização da psicopatia. Este foi um ponto alvo de muitas críticas, uma vez que apesar de a American Psychiatric Association (APA) fazer referência às características de personalidade enunciadas por Clekley (1976) e desenvolvidas por Hare (2003), e de as considerar importantes, na verdade não apresenta uma forma de como as mesmas devem ser operacionalizadas. Por conseguinte o que sucede é que a PASP, ao não incluir aspectos de personalidade subjacentes à motivação para o comportamento anti-social, abrange indivíduos com personalidade psicopática e também indivíduos com comportamento anti-social, mas que todavia não apresentam os traços interpessoais e afectivos característicos dos psicopatas, e considerados importantes para a caracterização do quadro.

Outro facto que fundamenta a existência de dois quadros diferentes é a forma de como estes dois conceitos se avaliam: de forma categórica (dicotómica) nos critérios da PASP na DSM-IV-TR (2006), confirmação da presença ou ausência de critérios indicadores, e de forma dimensional nas medidas comuns de psicopatia onde se analisa a intensidade de indicadores (PCL-R, Hare, 1993).

Considerando os dados apresentados é portanto enganoso equivaler as duas categorias embora seja clara a sobreposição que existe entre as mesmas.

A PASP apresenta-se como uma categoria diagnóstica mais abrangente, que se define pelo comportamento anti-social crónico, e que pode ou não incluir a psicopatia em co morbidade (Soeiro, 2010).

Por sua vez a Psicopatia deve ser entendida como um constructo mais complexo que compreende o comportamento anti-social associado aos importantes traços disruptivos da personalidade, nos quais a falta de empatia, a imagem inflamada de si próprio e o charme superficial são os indicadores que tradicionalmente tem sido incluídos nas tradicionais concepções de psicopatia e que podem ser particularmente distintivos da PASP (DSM-IV-TR, 2006).

## **4.2. Arranjos-Limite**

- **Psicopatia e Psicose de carácter**

Ao contrário das estruturas de organização mental tradicionais – psicose e neurose – o campo dos estados-limite, habitualmente associada à patologia do carácter (Bergeret, 1991) é um domínio muito menos rígido, com menor solidez estrutural e, acima, de tudo muito mais móvel. (Bergeret, 1998)

O estado-limite situa-se antes de mais como uma doença do narcisismo, consequência de uma ferida no narcisismo do sujeito. É uma patologia de falha narcísica primária e de deficiência estrutural, da superestrutura psíquica, um Superego lacunar. (Matos, 2002; Bergeret, 1998)

Os portadores desta organização são indivíduos cujo Ego superou o momento das frustrações de primeira infância, que podiam ter culminado numa organização psicótica, mas que perante um traumatismo psíquico (entenda-se afectivo) importante, impossibilitou a entrada deste na evolução edipiana normal (Bergeret, 1998) e conseqüentemente condenou o desenvolvimento de uma relação de objecto genital,

permanecendo esta numa díade primitiva, de cariz analítico, e portanto diferente daquelas que se encontram em casos de psicose.

A inquietação pulsional, decorrente do referido traumatismo afectivo vivido, foi vivida numa altura em que o Ego ainda se encontrava insuficientemente organizado e com excessiva imaturidade ao nível do seu sistema de adaptação e defesas. (Bergeret, 1998)

A criança entrou nessa altura em contacto com dados edipianos precocemente, que em virtude da impossibilidade desta os receber de um modo perceptivo e relacional, objectal-acabado e genital, vai resultar numa inquietação genital precoce que se constitui, por si só, como um verdadeiro traumatismo afectivo. O Ego ainda frágil, procura então integrar esta experiência antecipada às outras do momento, arrumando essa percepção junto das frustrações e das ameaças à sua integridade narcísica. (Bergeret, 1991)

Um indivíduo nestas condições não está capacitado de negociar esta percepção num contexto triangular e edipiano, como aconteceria se o conflito de desenrolasse um pouco mais tarde, já com uma estrutura neurótica. (Bergeret, 1998)

Esse traumatismo desempenhará o papel de primeiro desorganizador da evolução psíquica dos indivíduos e suspenderá imediatamente a evolução libidinal, iniciada em condições normais. Esta paragem poderá assemelhar a uma espécie de “pseudolatência” mais precoce e mais prolongada do que a latência normal e impossibilita aquilo que corresponderia posteriormente ao fervilhar afectivo da adolescência podendo-se estender muitas vezes a toda uma parte (ou totalidade) da idade adulta, nesses tipos de imaturidade afectivas encantadoras e um pouco inquietantes tão conhecidas por nós (Bergeret, 1998).

Na impossibilidade de se apoiar no amor do pai de forma a suportar os sentimentos eventualmente hostis em relação à mãe, e de utilizar o recalçamento para manter afastado do consciente a tensão sexual e agressiva, o sujeito vai-se ver obrigado a recorrer a mecanismos semelhantes àqueles utilizados por indivíduos psicóticos: clivagem, recusa, identificação projectiva, desdobramento dos imagos e o manejo onnipotente do objecto.

Segundo Bergeret (1998) este é aquilo que considera como o “tronco comum organizado” do estado-limite que reflecte um determinada estrutura do Eu e que deve ser considerado enquanto uma situação organizada e não estruturalmente fixa.

Deste tronco comum, o autor avançou que são possíveis dois tipos de evolução no que respeita a esta estrutura de organização mental, podendo estas ser realizadas por evoluções ditas agudas (decorrentes de um segundo traumatismo desorganizador tardio) ou estáveis (nas quais não existe qualquer dado ou indicio medico relatado). No âmbito das evoluções estáveis, são possíveis três tipos de arranjos – caracteriais- a partir dos quais a angustia de depressão por perda do objecto consegue ser rejeitada para o exterior, ficando assim mantida de forma estável pelo êxito de formações reactivas subteis, constantemente alimentadas à custa de uma grande despesa energética mas bem adaptadas à realidade. (Bergeret, 1998)

Segundo Racamier (cit. Bergeret) são possíveis três tipos de "doenças do carácter" que por outras palavras correspondem aos arranjos caracteriais referidos por Bergeret (1998): a neurose de carácter, a psicose de carácter e a perversão de carácter, sendo que para o presente estudo será apenas abordada, pela sua importância e associação ao objectivo do trabalho, a psicose de carácter

Os indivíduos com personalidade psicopática, ou caracteres psicóticos (Fronsh cit. Bergeret 1991), também conhecidos como portadores de psicose de carácter (Matos, 2002), ou, ainda, como indivíduos com perturbação de carácter de nível inferior (Kernberg, 1970), são sujeitos cuja estrutura de organização mental se insere no campo das patologias do estado-limite, habitualmente associadas à patologia de carácter (Bergeret, 1991).

O termo de "psicose" de carácter pretende, assim, não só uma descrição da patologia e estrutura da personalidade, mas principalmente evidenciar o grau de regressão narcísica num quadro de uma organização defensiva, antidepressiva e caracterizada, entre outras coisas, por um ataque cada vez mais serio do Self em relação ao narcisismo do outro. (Bergeret, 1991)

A psicopatia, doença de carácter (Racamier cit. Bergeret, 1998) mais especificamente, psicose de carácter (Matos, 2002), na o carácter é o modo normal de adaptação e a psicose o modo sintomático da expressão da descompensação que surge numa personalidade estruturada segundo um modo psicótico. (Bergeret, 1991)

Contudo é fundamental não se proceder a uma confusão de termos, as organizações que estes representam e quais os meios pelos quais se expressam.

É importante salientar que o diagnóstico diferencial de pacientes que se inserem nas descrições acima referidas, e dos pacientes psicóticos, assenta em torno da persistência

da noção de realidade ou do teste de realidade (Fronsh cit. Kernberg, 1970) em pacientes limítrofes, enquanto esta noção se encontra perdida nas psicoses. Esta diferença relaciona-se, por sua vez, da diferenciação entre as representações do Self e dos objectos, e da delimitação dos limites do Ego que dela decorre, estando presentes ao nível de organização mais baixo da patologia de carácter e ausentes ou perdidos na psicose (Kernberg, 1970).

Um quadro psicodinâmico dos sujeitos que se encontram neste tipo de organização mental, remete para uma integração mínima do Superego, tendo uma enorme tendência para a projecção do núcleo primitivo e sádico do mesmo (Kernberg, 1970).

Segundo Winnicott (1955 cit. Kernberg, 1970) a capacidade destes sujeitos em experimentar verdadeiros sentimentos de culpa e preocupação está seriamente comprometida, e a sua base de autocritica oscila constantemente devido à ausência de um Ego integrado. Face a isto tais pacientes evidenciam pouca necessidade de racionalizações secundárias para os seus traços de carácter patológico. (Kernberg, 1970)

Os sujeitos exibem frequentemente traços paranóides, decorrentes tanto da projecção do núcleo primitivo do superego, assim como pelo uso de formas excessivas de projecção, nomeadamente a identificação projectiva, como grande defesa do Ego e que Melanie Klein (1946 cit. Sá, 2003) explicou ao descrever a posição esquizo-paranoide, ponto de fixação das psicoses, na qual é projectada uma angústia paranóide em resultado de uma relação de objecto vivida como persecutória capaz de eliminar o ideal do Ego e o Ego.

A fronteira entre o Ego e o Superego é essencialmente turva, sendo que determinadas formas primitivas do Ideal do Ego narcisista são facilmente indistinguíveis dos modos primitivos de lutas pelo poder, riqueza e admiração do Ego narcisista (Kernberg, 1998).

A função de síntese do Ego está segundo Klein (1946 cit. Kernberg, 1970) seriamente prejudicada, pelo que este utiliza a dissociação e clivagem afectiva primitivas como a sua operação defensiva principal. Este mecanismo de clivagem é expresso pelos estados contraditórios e alternantes do Ego, sendo esta dissociação reforçada pelo recurso da denegação, identificação projectiva e fantasias inconscientes de onnipotência.

Por sua vez a onnipotência reflecte uma identificação defensiva na concepção do seu próprio Self como percursos do seu Ideal de Ego, nomeadamente, imagens condensadas e primitivas do Self e do objecto (Kernberg, 1970)

As defesas destes sujeitos são predominantemente do tipo “impulsivo e instintivamente infiltradas. Os padrões de comportamento, dissociados entre eles, vão permitir uma libertação directa dos derivados das pulsões, bem como de formação reactivas contra as pulsões (Kernberg, 1970)

A capacidade de síntese destes sujeitos, para abranger imagens contraditórias do Self e do objecto (“bom” e “mau”) está prejudicada em grande parte devido à predominância de agressão pré-genital, por objectos enlouquecedores (objectos parentais que apesar de presentes não satisfazem as necessidades dos seus filhos) como partes patológicas com as quais o Ego e o Superego se identificaram (Kernberg, 1970) e que pelas suas qualidades patológicas não permitiram o desenvolvimento integrado do Self. (Badarocco, 1986)

Segundo Kernberg (1967 cit. Kernberg, 1970) excessiva agressão pré-genital é também responsável pela condensação patológica de conflitos pré-genitais e genitais. A predominância da agressão pré-genital, é evidenciada pelos derivados de pulsões infantis, polimorfas e perversas, sadicamente infiltradas em todas as relações de objecto, internas e externas, destes sujeitos.

Com efeito, as suas lutas edípicas surgem intimamente condensadas com necessidades sádicas e masoquistas pré-genitais, e podem ser expressão directa de impulsos edípicos, tal como nas fantasias masturbatórias que envolvem os objectos parentais primitivos.

A sua incapacidade de integrar imagens do Self e dos objectos, determinadas de forma libidinal e agressiva, reflecte-se na maneira como mantem os seus relacionamentos sejam estes de para satisfação de necessidades, ou de natureza ameaçadora. Uma vez incapacitados de sentir empatia pelos objectos, na sua totalidade, a relação de objecto é concebida de acordo com a concepção parcial de objecto, uma vez que a constância do objecto não foi conseguida (Kernberg, 1970).

A falta de integração de representações do Self espelha-se na ausência de concepção de Self integrado. O seu mundo interior é povoado por caricaturas dos bons e maus aspectos das pessoas que foram importantes para si, não sendo estas representações integradas na sua totalidade objectal pelo que os indivíduos vivem o sentimento de que os seus objectos internos têm um “lado bom” e um “lado mau”.

Isto contribui para uma visão interna de si mesmo, também esta, como uma mistura caótica de imagens ameaçadoras, inflamadas e vergonhosas. Esta ausência de mundo integrado de objectos internos e totais, bem como de uma concepção estável do Self

determina a presença do que Erikson (1956 cit. Kernberg, 1970; Bergeret, 1998) denominou síndrome da difusão da identidade, característica marcante dos indivíduos com este tipo de funcionamento.

A falta de integração de pulsões libidinais e agressivas contribui uma restrição severa de um Ego livre de conflitos. (Kernberg, 1970)

Todos estes factores enunciados, a acrescentar aos efeitos de desintegração dos mecanismos predominantes de clivagem e as defesas a este associadas, e a carência dos organizadores cruciais do Ego, tais como uma conceito integrado de Self e de Superego, contribui para uma severa fraqueza do Ego, que por sua vez se reflecte, segundo Kernberg (1967 cit. Kernberg, 1970) na carência de tolerância de ansiedade, no seu controlo de impulsos, e no desenvolvimento de canais de sublimação, destes sujeitos, como evidencia o fracasso crónico em áreas de trabalho e de criatividade, em que se inserem.

Kernberg (1970) refere que o estágio imediatamente abaixo deste seria já no domínio das psicoses, sendo que o que distingue as pessoas com este tipo de funcionamento (Borderline) do que estariam mesmo abaixo de si (psicóticos) é o teste de realidade, que se encontra perdido nestes últimos. Bem como as representações de si e dos objectos que definem os limites do Ego, que na perturbação psicótica se definem como ausente (Kernberg, 1970).

## Referências Bibliográficas

Bergeret, J. (1997). *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi.

Carmo, H. & Malheiro Ferreira, M. (2008). *Metodologias da Investigação Guia para a Auto-aprendizagem*. (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Cleckley, H. (1976) *The Mask of Sanity* (5th ed.). St. Louis: Mosby.

DSM-IV-TR. (2006). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi.

Davidson, S. (2008) Principles of managing patients with personality disorder. *Advanced Psychiatric Treatment* (8) 1-9.

Filho, N., Teixeira, M.A. & Dias, A.C. (2009). Psicopatia: O constructo e sua Avaliação. *Avaliação Psicológica*. 8(3), 337-346.

Klein, M. & Riviere, J. (1975). *Amor, Ódio e Reparação*. (2ª ed). São Paulo: Imago

Luengo, M.A., Peña, M.T. (2009) La Psicopatía. In Belloch, A., Sandin, B. & Ramos, F.(Eds.) *Manual de la Psicopatología*. Edición Revisada (vol. 1, pp.481-503). McGraw Hill.

Marques, M. (1996). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.

Matos, A. C. (1991). 11.Génese, Desenvolvimento e Reprodução da Violência. In Matos, A. C. (Ed), *Escritos 12* (pp. 95-98).

Matos, A. C. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi.

Martins, G. (2006). Estudo de Caso, Uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas.

Michaud, S.G. & Aynesworth, H.(1999). *The Only Living Witness*. Author Link Press.

Morana, H.C.P; Stone, M.H.; Adalla-Filho, E.(2012). Personality disorders, psychopathy and serial killers. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo.

LaBode, R.T.(2007). Etiology of the Psychopathic Serial Killer: An Analysis of Antisocial Personality disorder, Psychopathy; and Serial Killer Personality and Crime Scene Characteristics. Oxford University Press.

Pedinielli, J.L. (1999). *Introdução à Psicologia Clínica*. Lisboa: Climepsi

Rodrigues, V. A. & Gonçalves, L. (1998) *Patologia da Personalidade: Teoria, Clínica e Terapêutica*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa

Soeiro, C., Gonçalves, R. A. (2010) O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 1 (XXVIII), 227-240